

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Faculdade de Educação
Pedagogia – 2º semestre de 2008

Caleidoscópio das violências nas escolas
Resenha Crítica

Prof. Dr. Roberto da Silva
Aluna: Carolina Scrivano Leão
Nº USP: 5714047

Sumário

Introdução.....	03
Descrição da obra.....	04
Apreciação Crítica.....	07
Considerações finais.....	08
Bibliografia.....	09

Identificação da Obra e das Autoras

O Livro *Caleidoscópio das violências nas escolas* foi escrito por Miriam Abramovay e Mary Garcia Castro. A publicação deste livro foi feita em 2006 compõe a série Mania de Educação e faz parte de atividades desenvolvidas pelo *Projeto Educação para Combater a Pobreza*. O livro é marcado pelo contexto das violências cotidianas e ressalta o papel da escola como “vítima e autora de processos violentos” (p. 8).

A Série Mania de Educação relata as experiências vivenciadas, desde 1998, pela Missão Criança, que é uma ONG “voltada ao combate a todas as formas de pobreza e exclusão social, especialmente por meio de investimentos na área de educação” (site Missão Criança¹), que luta para que crianças tenham seu direito de freqüentarem a escola assegurado. A Missão divulga e apóia os programas Bolsa-Escola e Fundo Educação Poupança-Escola e qualquer outra tentativa que combata a pobreza, a exclusão social e defenda os direitos das crianças e adolescentes. Desde 2004 a Missão Criança recebe um financiamento da União Européia e da Oxfam.

O *Projeto Educação para Combater a Pobreza* tem como objetivos melhorar a qualidade de vida das crianças que recebem, por exemplo, o Bolsa-Família, ou qualquer outro programa (Bolsa-Família, PETI...) e que estudam em escolas públicas dos seguintes municípios: Valparaíso e Cidade Ocidental (GO), Olinda (PE), Fortaleza (CE) e Salvador (BA).

As autoras e pesquisadoras têm larga experiência em estudos sobre gênero, violências, escola e família, juventude etc. Miriam Abramovay é socióloga, pesquisadora e consultora de vários organismos internacionais em pesquisas e avaliações. Mary Garcia é, também, socióloga, pesquisadora. Elas, com esse estudo tinham o interesse de explicitar a “multiplicidade das formas de violência presentes no nosso cotidiano, e que chegam ao ambiente escolar” (p. 7).

¹ <http://www.missaocrianca.org.br/novo/quemsomos.htm>

Descrição da obra

O livro *Caleidoscópio das violências nas escolas* discute a dialética entre banalização da violência e pânico. Ele retoma a questão da violência nas escolas e detalha os tipos de violência que ocorrem dentro e em volta dela. As autoras também analisam os fatores que poderiam melhorar a convivência escolar.

A violência está presente onde há elevada taxa de desigualdade social, miséria, ineficiência em segurança etc. Muitas vezes o excesso de informações sobre violência e/ou o costume de se “hierarquizar certas violências” faz com que se banalizem essas situações. Esse fato faz com que as pessoas sintam medo e indignação, achem as violências condenáveis e inaceitáveis, e, ao mesmo tempo inevitáveis e banais.

O texto faz diferenciações entre os tipos de violências. Dois desses *tipos* são a violência dura e a violência simbólica. Bourdieu diz que a violência simbólica é aquela que acontece por meio de símbolos, principalmente através da linguagem. Já a violência dura, segundo Chesnais, refere-se às violências físicas.

A escola, para a nossa sociedade, é um local onde crianças e jovens aprendem e se socializam; é um meio que mais para frente vai colocá-los dentro dessa sociedade. Para as pessoas das classes pobres, a educação representa a única forma de “progredir na vida”. Ela deve ser um lugar igualitário e democrático, mas na maioria das vezes ao invés de ser um lugar de inclusão faz o papel oposto.

Essa exclusão dentro da escola acontece principalmente, entre outros fatores, através do desempenho escolar. Ocorre uma tensão entre os jovens e o mundo escolar e, segundo Carraro, é o professor que tem o papel de integrar os jovens à escola, e para isso o educador tem que ouvir o que esses jovens têm a dizer e levar em conta “seus interesses, possibilidades e aptidões” (p.29).

A escola tem o costume de sempre culpar alguém por seus problemas, e geralmente culpa os alunos, e essa dinâmica escolar, segundo o texto, conseguiu convencê-los de que realmente são eles os culpados pela situação em que se encontra a escola. Como esses jovens acreditam ser os causadores

dos problemas, eles tem baixa auto-estima, tornam-se indisciplinados e é por aí que entra a violência.

Uma pesquisa citada pelas autoras (“Violência nas Escolas”, de ABRAMOVAY e RUA, 2002) aponta que os alunos tem medo de ir à escola porque temem ser agredidos e humilhados, e dizem que esse medo afeta seus estudos.

A escola tem perdido seu “lugar de transmissão de saberes” por causa da situação de vulnerabilidade a violências. Mas esse processo não pode ser visto como algo que vem apenas de fora para dentro da escola, e sim como algo que é gerado dentro da escola, pois “a escola pode ser vítima, mas também é autora de processos violentos” (p.33).

Segundo outro dado da pesquisa citada anteriormente, o porte de armas, sejam brancas ou de fogo, nas escolas também é grande. Embora os alunos afirmem que não irão usar, o simples fato de portar traz a possibilidade de episódios violentos.

A violência escolar incorpora três tipos: a violência dura ou física, a simbólica e as microviolências. Apesar das violências duras e das simbólicas estarem muito presentes no ambiente escolar, não são essas que predominam. As com maior incidência são as microviolências ou incivildades. Estas, muitas vezes passam despercebidas por serem banalizadas, e essa banalização causa a sensação de impunidade. Algumas vezes as incivildades são tentativas de valorização, de reconhecimento, portanto é necessário que a escola proporcione aos jovens condições de valorização para que eles não precisem buscar recursos violentos para serem notados.

Mas as incivildades não acontecem apenas por parte dos alunos, mas também pelos professores, que se descontrolam, xingam, agredem verbalmente os alunos.

Esses acontecimentos de microviolências muitas vezes não são punidos porque são hierarquizados como menos importantes ou como naturais na realidade escolar.

O problema da violência, seja de qual tipo for, não pode ser negado e nem transferido para que terceiros resolvam. É urgente que haja diálogo entre todos os pares que constituem a escola. É importante a interação comunidade,

pais, professores, direção e alunos, para lidar com o problema da violência. Estes pares devem ter uma relação amistosa, de parceria.

O texto traz pontos que podem construir uma escola de qualidade, que são: o pertencimento pessoal e social (todos aprendem coisas significativas e pertinentes); a auto-estima dos atores (a educação e seus professores devem ser valorizados; assim eles não culpariam os alunos, o que geraria um clima de confiança); força e ética profissional dos professores (formação contínua, serem valorizados e valorizarem-se, conectar-se e conhecer seus alunos); diretores (que promovam o trabalho em equipe entre todos os pares); trabalho em equipe (realizado dentro e fora da escola); aliança com as famílias (escola e família articuladas), para que estas e a escola não possam entender que tem que se unir e não continuar disputando atenção e autoridade.

As autoras trazem por fim o “Programa de Mediação”, que propicia a prática do diálogo, diminui a sensação de insegurança, enfim

a mediação permite que: as partes decidam a forma de negociação; os sentimentos possam ser expressados e respeitados; o enfoque se centre na ação futura mais do que na passada; haja imparcialidade; a comunicação e a colaboração sejam facilitadas; a reconciliação e a responsabilidade sejam estimuladas; cada um dos participantes possa entender o processo de resolução; e não haja vencedor nem perdedor. (p. 72)

A intenção da mediação é transformar a escola em um lugar de diálogo, de interação e em um lugar que saiba lidar com seus problemas sem ignorá-los.

Apreciação Crítica

A obra tem um conteúdo fácil e muito útil para se repensar muitas coisas nas escolas de hoje. Pensar que a violência não vem só de fora, mas com disseram as autoras, é a “violência nas escolas e a violência das escolas” (p.9).

As posições tomadas, os excertos utilizados são coerentes e demonstram a realidade. A leitura não exige do leitor conhecimento específico em educação. O livro traz um olhar enriquecedor para o leitor e uma forma clara de enxergar que a escola pode ser vítima, mas também autora de violências que muitas vezes banalizamos e hierarquizamos, sendo que violência é violência.

O texto apresenta tabelas sobre os diversos tipos de violências vivenciadas ou observadas. São tabelas fáceis de compreender.

O livro como um todo é muito atual, pois violência é um tema recorrente no cotidiano, mas a abordagem que elas fazem traz um olhar diferente dos que geralmente são dados e as soluções que as autoras dão são simples de serem aplicadas.

As autoras são concisas, simples, claras, qualidades que a meu ver enriquecem a obra e tornam-na acessíveis ao público em geral.

Considerações finais

A leitura integral da obra “Caleidoscópio das violências nas escolas” é muito indicada para entender os mecanismos que ocorrem dentro dela e a envolvem. Além de atentar para as propostas de melhorias das autoras.

Uma frase de Outeiral (2006) é citada na página 23 do livro “Caleidoscópio das violências nas escolas”, expressa muito bem o que gostaríamos e temos que batalhar para conseguir em nossas escolas, porque a escola

[...] deve ser um lugar que a ensine a pensar, e estou sugerindo com isso que hoje as crianças chegam às escolas e não pensam. Pensar surpreende o pensador. Pensar é transgredir. Pensar é fundamental. A escola pode ensinar também a brincar. A palavra “brincar” vem da palavra latina “vinculo”, e o delinqüente é aquele que perdeu a capacidade de criar vínculos. A escola pode ser um lugar de crianças e de espontaneidade, que caracteriza o brincar: onde se brinca, a violência e a droga têm dificuldades de se instalar. (p. 23, *apud* Outeiral, 2006:38).

A escola e a família têm por obrigação educar, e

educar no século XXI não pode continuar a ter o significado reducionista de preparar os jovens para uma tarefa determinada e restrita. Significa também a manutenção do caráter formativo, visando à ampliação do processo de aprendizagem contínuo e evolutivo, garantindo os preceitos da construção da cidadania. (p.21)

As explicitações das diferentes violências e as amostragens de suas incidências apontam para outro estudo, o do *Bullying*, que se assemelham e muito com as microviolências ou incivildades tratadas no texto. Essa questão vem sendo abordada em algumas escolas na tentativa de sensibilizar alunos, professores, funcionários, pais e toda a comunidade de como muitas vezes essas situações são vistas como algo de adolescentes e que essas violências são mascaradas como *brincadeiras*.

Bibliografia

ABRAMOVAY, Miriam. ; CASTRO, Mary. G. **Caleidoscópio das violências nas escolas**. 1. ed. Brasília: Mania de Educação-Missão Criança, 2006.

ABRAMOVAY, Miriam. <http://miriamabramovay.com/>

LOPES, Aramis A. Neto; SAAVENDRA, Lucia Helena. **Diga não ao Bullying: programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes**. 2. ed. Passo Fundo – RS: Battistel, 2008.

MISSÃO CRIANÇA. <http://www.missaocrianca.org.br/novo/>

OUTEIRAL, J. Entrevista a Márcia Cezimba sobre o livro “Ensaio sobre a Maldade”. In: O Globo – Revista. 18 de junho de 2006: 38-39.